



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## **GÊNERO, EDUCAÇÃO & DIVERSIDADE: SOCIABILIDADE DAS TRAVESTIS NOS AMBIENTES EDUCACIONAIS NA CIDADE DE MACEIÓ/AL**

Manuella Paiva de Holanda Cavalcanti  
Universidade Federal de Alagoas  
[manuellapaiva@hotmail.com](mailto:manuellapaiva@hotmail.com)

### **RESUMO**

A partir desse estudo buscaremos ponderar como o processo de sociabilidade das travesti(s) no campo educacional reflete decididamente em sua inserção na esfera social, compreendemos a socialização como o meio pelo qual o indivíduo tornar-se membro de uma dada sociedade, levando em consideração o modo como estes se inserem e se integram com os outros indivíduos e vice-versa como aponta Berger e Berger (1980). Abrangendo, contudo, a problemática de inclusão e/ou exclusão das travestis a partir da recepção de valores e conteúdos do ambiente escolar dominante. Assim, remetemos também, a sociabilidade aos laços de relações de amizade, envolvimento em grupos ou turmas, relações com professores e demais integrantes da escola como destaca Dubet e Martuccelli.( 1997). A “pedagogia do insulto”, como enfatiza Junqueira, é muito presente na escola. E isso leva as travestis, muitas vezes, a desistir de ocupar esse espaço social, tendo desinteresse pela escola e distorção de série. No entanto, quando há a (des)construção desta lógica e a inserção da pedagogia do respeito ao diferente verificamos uma maior auto estima nesse sujeito e uma continuidade na formação escolar. Mesmo assim percebemos que ao ultrapassar as barreiras educacionais, ainda há muito a enfrentar em outras esferas sociais, visto que o diploma ainda não garante a inclusão no mundo do trabalho, pois o preconceito e discriminação continuam.

**PALAVRAS CHAVES: GÊNERO, EDUCAÇÃO e DIVERSIDADE**



## INTRODUÇÃO

---

Os estudos pautados nas relações de gênero, sexualidade e diversidade na escola vêm sendo tema de debate nos últimos anos no cenário brasileiro. Essas reflexões são frutos de muitas lutas e indagações de vários atores em nossa sociedade, tais como: movimento negro, movimento LGTB<sup>1</sup> e principalmente o movimento feminista (CASTELLS, 2002). Inicialmente este movimento ficou conhecido por preconizar a ampliação legal dos direitos políticos e civis em busca de nivelar os direitos entre homens e mulheres. Possibilitando, nas três últimas décadas, com o surgimento de outros movimentos, como o LGTB, as discussões relativas às questões do respeito às especificidades. Sendo no final dos anos 90 o *boom* da problematização da alteridade e da multiplicidade da diferença.

Tais mudanças são decorrentes de um longo processo histórico, que permite transformações significativas em todos os setores da sociedade brasileira. Um desses setores é o campo educacional, uma vez que, apresenta-se (ou deveria apresentar-se) como instrumento fundamental para construção *de uma consciência crítica pautada no desenvolvimento de práticas pelo respeito à diversidade e aos direitos humanos* (JUNQUEIRA, 2009, p.10). Deste modo, é importante salientar que a escola transmite e constrói conhecimento, ao mesmo passo que reproduz padrões sociais dominantes. O âmbito escolar está permeado de conflitos, contradições, perpetuando e reproduzindo normas e valores *heterossexistas, heteronormativas e machistas* caracterizando-se como um lugar que pode gerar discriminação e preconceito.

Partindo desses pressupostos nossa pesquisa descreve e analisa de que maneira as travesti(s)<sup>2</sup> da cidade de Maceió estão inseridas no interior da rede educacional pública de ensino. Assim, verificaremos essa inserção levando em consideração como

---

<sup>1</sup> Movimento Gay, Lésbicas, Transgênero e Bissexuais. Segundo a cartilha Brasil sem Homofobia. Usaremos esta abreviatura em nosso projeto.

<sup>2</sup> Comungamos com o mesmo pensamento de Marcos Benedetti quando este afirma que emprega o substantivo *travesti* no gênero feminino, tanto “pelo processo de construção do gênero feminino no corpo e na subjetividade das travestis” quanto pelo “respeito e a garantia a construção feminina” visto que, esta construção está entre as “principais reivindicações do movimento organizado das travestis e transexuais” (BENEDETTI, 2005, p. 17)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

ocorre a interação e integração (inclusão e/ou exclusão) entre esses sujeitos no espaço de sociabilidade educacional. Buscando romper, portanto, com a velha conhecida rede de sociabilidade das travestis nos seus *lugares de batalha*<sup>3</sup>(Peres, 2009; Silva, 2007; Kulich, 2008; e Benedetti, 2005), possibilitando a visibilidade nos “novos lugares” ou “cenários” em que se encontram as travestis. Definimos esses novos lugares como, círculo de amizades, inclusão em alguns agrupamentos sociais é principalmente o âmbito educacional, foco da nossa pesquisa.

Nosso intuito de analisar o ambiente educacional das travestis surge de nossos estudos anteriores<sup>4</sup>, uma vez que percebemos a existência de várias travestis que negam o ambiente da prostituição como a única possibilidade de ascensão social, pois, durante as entrevistas elas argumentaram que a educação configura-se num dos pilares importantes para a (trans)formação e inserção na vida social. Desse modo, se faz necessário identificar, problematizar e disseminar as dificuldades que anteparam a inclusão desses atores em todos os âmbitos sociais; no nosso caso específico, no que se refere aos processos de sociabilidade das travestis no ambiente educacional da cidade de Maceió. Assim, precisamos compreender e contextualizar a sociedade a qual esses sujeitos estão inseridos. Por isso, levamos em consideração que a sociedade alagoana apresenta *resquícios de uma visão falocêntrica presente em todo Nordeste*, (ALBUQUERQUE, 2003, p.243). E é a partir desses códigos culturais vigentes que iremos apreender nossos estudos.

## REFLETINDO SOBRE A REALIDADE

---

---

<sup>3</sup> Segundo Peres os espaços de batalha são os lugares onde as travestis se prostituem.

<sup>4</sup> Durante a graduação realizei estudos relacionados à temática gênero, diversidade e movimentos sociais. Fui colaboradora da pesquisa intitulada “o avesso das identidades homoeróticas masculinas clandestinas e enrustidas em Maceió: conflitos e temores nos espaços vulneráveis de violência (lugares e não-lugares)”, em que houve maior aproximação com os movimentos LGTB, a partir de então despertou-me o interesse em estudar sociologicamente as travestis. No final de 2009 comecei a frequentar algumas reuniões da ONG Pró- Vida que registra o maior número de travestis. Nessas reuniões percebi que as novas travestis (como elas se denominam) em contraponto com as velhas travestis não acreditam que a prostituição seja o único caminho viável de obter sua subsistência, mas acreditam que através do estudo terão maior possibilidade de ascensão e inclusão social. E por isso, nossa pesquisa está direcionada para compreensão das travestis no campo educacional.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Dados da pesquisa realizada pela UNESCO com estudantes do ensino fundamental e médio em diversas capitais do país revelam o preconceito e as discriminações sofridas por jovens homossexuais em vários setores sociais. No âmbito escolar constata-se que os professores silenciam e colaboram com atos homofóbicos na escola. Em relação aos discentes  $\frac{1}{4}$  não gostaria de ter colegas de turmas homossexuais e consideram “bater em homossexual” como o menos grave de uma lista de seis exemplos de ações violentas. Na cidade de Maceió, especificamente, a pesquisa revela que 27,8% dos estudantes não gostariam de ter colegas homossexuais e 41,2% dos pais afirmam que não gostariam que seus filhos tivessem colegas de classes homossexuais. (ABRAMOVAY, 2004)

Outra pesquisa importante realizada pelo *Centro Latino Americano em Sexualidades e Direitos Humanos* (CLAM) com entidades LGTB demonstram que os transgêneros (travestis e transexuais) são os mais excluídos em todos os níveis educacionais em relação aos homossexuais masculinos. Essa exclusão se acentuaria com mais intensidade se tais constatações fossem realizadas em comparação com os heterossexuais. As pesquisas demonstram que 6,4% dos homossexuais masculinos afirmaram ter somente o ensino fundamental. Em comparação com os transgêneros, esse número sobe para 14,7%. Se levarmos em consideração o ensino superior completo, 23% dos homossexuais masculinos declararam ter ensino superior completo e apenas 2,9% dos transgêneros possui igual nível de instrução. (CARRARA, 2005)

Essas constatações nos levam a questionar os códigos educacionais vigentes e indagar porque tais dados da realidade dos transgêneros, especificamente, travestis, configura-se desse modo? Diante das realidades anunciadas acima acreditamos ser relevante analisar melhor a realidade das travestis, visto que, é no ambiente escolar que as diversidades podem ser construídas no sentido de serem respeitadas ou negadas. Durante a nossa pesquisa conhecemos Marina,<sup>5</sup> única travesti que cursa nível superior em Maceió, o caso dela é atípico e emblemático. O respeito que obteve dos outros estudantes no ambiente escolar quando cursava seu ensino médio em uma escola pública da cidade de Maceió foi preponderante para ela alcançar outros níveis educacionais. A mesma enfatiza que:

---

<sup>5</sup> Nome fictício. Usaremos essa metodologia em todos os outros nomes citados das travestis.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

“Fui privilegiada, pois não sofri nenhum tipo de discriminação durante meu ensino médio. Onde estudei tinha muitos homossexuais, e três travestis. O fato de haver muitos homossexuais na escola fez com que houvesse um certo tipo de tolerância e acolhimento. Confesso que isso é algo bem raro”( MARINA, estudante da UFAL)

Assim podemos analisar que é da relação entre o corpo docente entre estes e o corpo discente e entre estes e os próprios discentes que pode passar a existir a aprendizagem da coexistência e do respeito à diversidade. Diversidade esta que deve ser reconhecida e valorizada em prol das distintas orientações sexuais e identificação de gênero contribuído para a inclusão e mudanças no contexto educacional e social. Desse modo, construindo um potencial transformador nos sujeitos que possam ultrapassar os limites da escola, em favor de políticas sócio-educacionais e práticas pedagógicas inclusivas, voltadas para garantir a permanência, a formação de qualidade, a igualdade de oportunidades e o reconhecimento desses sujeitos na sociedade. Portanto, partimos do pressuposto que o espaço escolar é de fundamental importância para construção das identidades particulares e de grupo, podendo praticar o respeito à diferença e o diferente. No entanto isto não ocorre com frequência em relação as travestis, como bem colocou Marina, pois a realidade vivenciada por Fabiana na escola é bem diferente “ *fui muito discriminada na escola, muitos colegas ficam me apelidado, rindo de mim , mandando eu ser homem , por isso já desisti várias vezes de estudar. Estou voltando agora novamente*”. (FABIANA, 19 Anos, 1º ano ensino médio)

E a partir desses laços estabelecido entre os sujeitos no ambiente escolar que empreendemos os espaços de homosociabilidade, considerando que uma das formas mais comuns de impor e atestar a masculinidade ou de ofender outro homem é feminilizando-o. Características estas que as travestis trazem consigo, sendo hostilizadas por isto, principalmente porque suas práticas diferenciam das heterossexuais dominante. É no ambiente escolar que esta violência também se manifesta. Dentro e fora do espaço escolar, o modelo hegemônico de masculinidade obriga os que estão sendo provados a afirmarem diante dos demais suas virilidades por meio da violência. E submetendo aos outros, os ditos diferentes, a uma “*pedagogia do insulto*”, *constituída de piadas, brincadeiras, apelidos, insinuações, expressões desqualificantes* (JUNQUEIRA, 2009 p.17). Guacira Louro assevera que:



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

[...] os sujeitos que, por alguma razão ou circunstância, escapam da norma e promovem uma descontinuidade na seqüência sexo/gênero/sexualidade serão tomados como minoria e serão colocados à margem das preocupações de um currículo ou de uma educação que se pretenda para a maioria. Paradoxalmente, esses sujeitos marginalizados continuam necessários, pois servem para circunscrever os contornos daqueles que são normais e que, de fato, se constituem nos sujeitos que importam (LOURO 2004b: 27, *apud* Junqueira).

Louro realça que esses indivíduos que tentam desconstruir a lógica sexo/gênero/sexualidade dominante são, de algum modo, invisíveis aos olhos do currículo escolar<sup>6</sup> e da sociedade. Diante desta realidade enfatizada, podemos constatar que a escola é um espaço permeado por conflitos que muitas vezes gera a homofobia (transfobia). Levando em consideração o pensamento de Junqueira (2009), indivíduos que sofrem homofobia (transfobia), tendem a ter desinteresse pela escola, muitas vezes abandonam ou têm distorção de série, sendo, portanto, afetados na construção da sua auto-estima como acontece com nossos sujeitos da pesquisa. O autor enfatiza ainda que as travestis e transexuais são as que mais vivenciam esta violência, caracterizada como homofobia (transfobia), e são elas que possuem as maiores dificuldades em se inserir no mercado de trabalho e concluir seus estudos, uma vez que, *nas escolas, não raro, enfrentam obstáculos para se matricular, participarem das atividades pedagógicas, terem suas identidades minimamente respeitadas e conseguirem preservar sua integridade física.* (JUNQUEIRA, 2009 p. 25).

Voltamos a nossa atenção para as travestis da rede educacional pública da cidade de Maceió procurando compreender como ocorre o processo de sociabilidade desses sujeitos na escola para desvelar este procedimento de exclusão no sistema educativo. Procuramos, ainda, compreender a realidade específicas das travestis, uma vez que, acreditamos que é preciso analisar separadamente os denominados LGTB, porque os processos de sociabilidade diferem de grupo para grupo, e uni-los em uma única categoria levaríamos a cometer equívocos empíricos, teóricos e metodológicos que não expressaria a realidade estudada específica de cada grupo (gays, lésbicas, transgêneros e bissexuais) e dessa forma poderíamos dissimular alguns dados da realidade.

---

<sup>6</sup> No momento que escrevo este artigo acompanho a polêmica e suspensão de todas as produções do chamado Kit contra homofobia pela então Presidenta Dilma Rousseff. Dessa forma colaborando para invisibilidade dos atores GLTB em nossa sociedade e reforçando o preconceito é discriminação já existente.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

---

Trazer para o centro do debate temas como gênero, sexualidade, transexualidade e educação a partir das reflexões a respeito da diversidade obriga-nos a fazer um breve panorama referente às questões relativas à sexualidade humana, para então compreender em que contexto pode-se discutir as demandas relacionadas às ditas minorias sexuais (gays , lésbicas, transexuais, bissexuais, no nosso estudo as travestis). Faz-se necessário problematizar esta temática porque foi somente nos dois últimos séculos que ela transformou-se numa questão capaz de ser analisada e discutida por diversos setores sociais. Dessa forma, a sexualidade tem se estabelecido em um solo privilegiado de reflexões, passando de uma categoria que estava circunscrita na esfera pessoal para a esfera pública. E assim, apresenta-se como uma categoria que para ser compreendida na contemporaneidade decorrente não somente da perspectiva biológica, mas do aspecto psicológico, sociológico, cultural, religioso, político.

Para Costa (1995) e Nunan (2003), até o século XVIII a concepção das ciências acerca da “*diferença dos sexos*” entre homem e mulher, possuía uma mentalidade científica baseada na ideologia neoplatônica<sup>7</sup>, que através de símbolos e elementos dessa ideologia o Ocidente confirmava uma forma harmoniosa entre esses dois mundos a qual observava a esfera da sexualidade pelo arquétipo do *one-sex-model*, isto é, o modelo único do sexo. Na percepção do mundo dos elementos do imaginário neoplatônico, não se tinha a possibilidade da bipolaridade da sexualidade humana, pela divisão sexual masculina e feminina. Essa bipolaridade somente veio ser reconhecida no final do século XVIII e início do século XIX.

Ocorrendo no século XIX um redirecionamento para a rediscussão de uma nova construção dos corpos humanos. Ao mesmo tempo podemos dizer que os ritos sexuais do século XIX da sociedade moderna, além de uma tentativa de reduzir a sexualidade ao casal heterossexual, criou e difundiu formas hierarquizadas de múltiplas sexualidades, é

---

<sup>7</sup> Na ideologia neoplatônica a visão de mundo tinha como base os fenômenos do universo como símbolos aparentes de forma essenciais. “a relação entre os fenômenos era a expressão de correspondências que confirmavam a harmonia do mundo e a repetição dos mesmos arquétipos em realidades distintas.” (NUNAN, 2003, p.27).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

assim, que surge a concepção da sexualidade moderna do século XIX, e com ela o aparecimento de todas as sexualidades periféricas. Portanto, segundo Louro, *a homossexualidade e o sujeito homossexual são invenções do século XIX* (LOURO, 2001 p. 542), tornando-se então mais aparente a partir desse século, segundo Louro, ocorre dois direcionamentos distintos em relação a esses sujeitos homossexuais: uma parcela da população demonstra aceitação e outra negação.

E é esse embate que verificamos nos nossos estudos no ambiente escolar das travestis. De acordo com a entrevista realizada com a Travesti Paola há no seu espaço escolar um grupo que a respeita e outros não. Para ela os *“professores são ótimos atores, deveriam ir para globo”*, pois fingem muito bem aceitá-la, alguns chegam a fazer comentários depreciativo, já os colegas de turma não querem chamá-la pelo nome social e ficam fazendo *“brincadeiras de mal gosto”*, mas não são todos afirma a mesma. ( 25 anos, cursa 1º ano do ensino médio). Assim, comungamos com o pensamento de Louro, ao acreditarmos que o lugar social a qual esses sujeitos estão inseridos é a fronteira, em que novas práticas para esses novos sujeitos tem que ser estabelecidas a partir do conhecimento dessa nova realidade posta na sociedade. E assim, então poderíamos reivindicar uma sociabilidade inclusiva. Como acontece com Marina, uma de nossas entrevistadas, conforme explicou-nos: *“na UFAL não houve preconceito. Só estranhamento por parte dos professores e alunos, pois sou a única transexual na universidade. Mas aos poucos esse sentimento passou e eles viram que não sou nenhum bicho”*.

Para que ocorre essa sociabilidade temos que (des)construir a aceitação das formas de ser homem e mulher. Pois ao nascermos, encontramos um meio social, que fala e delinea o lugar social dos sexos, a partir das nossas características biológicas, ou seja, mostra o lugar de cada sexo na estrutura social. E romper com esta estrutura é tarefa árdua, pois ao mostrar-se diferente, o fato de *“nascer homem e tornar-se mulher”*, por não ocorrer uma *“identificação”* com o denominado gênero masculino é, por conseguinte, extrapolar o binarismo já estabelecido de ser homem ou mulher. Deste modo possibilita, questionarmos a respeito da *“naturalização construída em relação ao sexo como destino e as normas regulatórias que legitimam os corpos, como efeitos das relações de poder”*. Assim, a partir da teoria *queer* que se coloca contra a normatização e propõe a desconstrução deste binarismo, Guacira Louro afirma que:



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Segundo os teóricos e teóricas *queer* é necessário empreender uma mudança epistemológica que efetivamente rompa com a lógica binária e com seus efeitos: a hierarquia, a classificação, a dominação e a exclusão. Uma abordagem desconstrutiva permitiria compreender a heterossexualidade e a homossexualidade como interdependentes, como mutuamente necessárias e como integrantes de um mesmo quadro de referências. (LOURO, 2001 p.549)

Para Louro, compreender esses “novos sujeitos” a luz dessas novas teorias possibilita questionar a norma sexual já estabelecida socialmente, permitindo, então compreendê-las fora do processo de naturalização. E é a partir dessa concepção que apreendermos esses “novos sujeitos” da nossa pesquisa. Acreditando que o modo como constroem seu corpo, seu jeito de ser e agir, não passa despercebida, e por isso são alvos de desprezo e violência. Esta violência caracteriza-se como transfobia, sendo uma das formas mais violentas do preconceito sexual. Se homossexuais masculinos e/ou femininos, podem manter sua identidade sexual em segredo por medo do preconceito, discriminação, as travestis trazem no corpo, (e não só nele), a desconstrução e construção da identificação de gênero, sendo, então, exposta a todo e qualquer tipo de preconceito. E por isso são excluídas do ambiente familiar, de trabalho, escolar entre outros. Sendo, direcionadas para via da prostituição, no entanto, é importante salientar, como argumenta Peres que:

[...] embora algumas travestis afirmem gostar de se prostituir, a maioria delas não se sente à vontade em ocupar esse lugar no mundo, reclamando da ausência de oportunidades de estudos e empregos, o que nos leva a desmistificar a crença segundo a qual travestis, transexuais e transgêneros seriam sinônimos de prostituição; outrossim, nos faz perceber que são empurradas para os espaços de batalha em consequência da violência estrutural (PERES, 2005b apud PERES p. 246).

Deste modo, Peres aponta uma díade no “espaço de batalha” e sobrevivência das travestis, diante das estruturas sociais. Umas são encaminhadas para a prostituição e outras buscam ocupar novos lugares nesses “espaços de batalhas”. Portanto, a educação configurar-se como um dos pilares importantes para a transformação e inserção desses atores na vida social em busca de ocupar novos lugares. Como afirma Marina:

“Espero me formar e alcançar minha autonomia financeira. Levar uma vida digna e mostrar que assim como eu todas as travestis e transexuais podem ter sim, um curso superior. Se a gente quiser, apesar das dificuldades que são muitas, a gente pode mudar nossas vidas e evitar o caminho da prostituição.”



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

(MARINA, Estudante da UFAL)

A partir do exposto podemos perceber que Marina aposta na sua formação profissional como perspectiva de inserção social e dignidade humana, ao mesmo tempo Marina também questiona: *“em que lugar você acha que vai empregar uma travesti, já distribuí currículos em vários lugares, mas ainda não fui chamada para nenhum”*. É importante salientar que muitas vezes para as travestis ficam reservadas, apenas, trabalhos menores dentro da estrutura e hierarquia profissional, econômica e social. Sem apoio familiar e do ambiente escolar torna-se, ainda mais difícil a busca pela garantia dos seus direitos. E Paola faz questão de enfatizar que travestis não é sinônimo de prostituição, como está permeado no imaginário social do senso comum e disseminado na mídia: *“quero ser igual a todas as pessoas, estudar, trabalhar, ter minha casa e minha vida, sem precisar da prostituição, quero ter uma vida digna. Por isso estou estudando.”* (25 anos, cursa 1º ano do ensino médio)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

A partir do exposto podemos perceber que o ambiente educacional está permeado pelo preconceito e discriminação. A “pedagogia do insulto”, como enfatiza Junqueira, é muito presente na escola. E isso leva as travestis, muitas vezes, a desistir de ocupar esse espaço social, tendo desinteresse pela escola e distorção de série, como é o caso de Paola e Fabiana.

No entanto, quando há essa (des)construção desta lógica e a inserção da pedagogia do respeito ao diferente, como aconteceu com Marina, verificamos uma maior auto estima nesse sujeito e uma continuidade na formação escolar. Mesmo assim percebemos que ao ultrapassar as barreiras educacionais, ainda há muito a enfrentar em outras esferas sociais, visto que o diploma ainda não garante a inclusão no mundo do trabalho, pois o preconceito e discriminação continuam. Mas não podemos deixar de destacar a importância dos estudos na vida desses sujeitos, uma vez que a partir deles como enfatizou nossas entrevistadas elas podem ter mais dignidade de vida e sonhar em ocupar novos lugares e não os lugares de batalha como afirma Peres.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam. Castro, Mary Garcia, Silva Lorena Bernadete. Juventude e sexualidade. Brasília: UNESCO Brasil, 2004. 277-282.

ALBUQUERQUE Júnior, Durval M. Nordeste uma invenção do falo – uma história do gênero masculino. Maceió: Catavento, 2003.

BENEDITTI, Marcos Renato. Toda feita: O corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro. Garamond, 2005.

BERGER, Peter L.; BERGER, B. Socialização: Como ser um membro de uma sociedade. In: FORACCHI, M. M. & MARINS, J. S. (orgs) Sociologia e sociedade . RJ, Livros Técnicos Científico, 1980.

CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade*; Tradução Klaus Brandini Gerhardt.- ( A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.2) 2002 –PP.169-277 ed.

CARRARA, Sérgio e Silva Ramos. Política, direitos, violência e homossexualidade. Pesquisa 9ª Parada do Orgulho GLBT – Rio 2004 / Rio de Janeiro: CEPESC, 2005.

COSTA, Jurandir Freire. Violência e Psicanálise. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DUBET, F. & MARTUCCELLI, D. A socialização e a formação escolar. Lua Nova, n 40/41, p .241-266, 1997

GROSSI, Miriam Pillar. *Masculinidades*: uma revisão teórica. *Antropologia em primeira mão*. Florianópolis, v. 75, p. 1-37, 2004. Disponível em: <<http://www.antropologia.ufsc.br/75.%20grossi.pdf>>. Acesso em: 29 mai. 2010.

HAGUETTE, Tereza Maria Frota. A Observação Participante. In: *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia nas escolas: um problema de todos *in: Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas /* Rogério Diniz Junqueira (organizador). – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

LOURO, L. Guacira. Teoria Queer - Uma Política Pós-identitária para a Educação *In : Estudos feministas.* 2001 p. 241-253. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8639.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8639.pdf)

KULICH, Don. Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil./(tradução, Cesar Gordon). – Rio de Janeiro: Editora Fio Cruz, 2008.

NUNAN, Adriana. Homossexualidades: do preconceito aos padrões de consumo. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

PERES, Wiliam Siqueira. Cenas de Exclusões Anunciadas: travestis, transexual, transgênico e a escola brasileira. *in: Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas /* Rogério Diniz Junqueira (organizador). – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

RICHARDSON, Roberto; WAINWRIGHT, David. A pesquisa qualitativa crítica e válida. *In: RICHARDSON, Roberto (Org.). Pesquisa Social.* 3. ed. São Paulo: Ed. Atlas, 1999.

SILVA, Hélio R. S. Travestis: entre o espelho é a rua – Rio de Janeiro : Rocco, 2007.

SANTOS, Valdonilson Barbosa dos. *A construção da masculinidade sob o foco das atividades lúdicas infantis.* Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.